

RETEXTUALIZAÇÃO POR MEIO DO *WHATSAPP*: A PRÁTICA DA ACENTUAÇÃO GRÁFICA COM ALUNOS DO 9º ANO

Ana Maria Salvador (UEMS)

aninha_mariasalvador@hotmail.com

Adélia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)

adeliaeavan@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assencio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as variantes de registro encontradas nas interações no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, em uma turma de 9º ano de uma escola pública de Campo Grande-MS. Já que existe uma variedade grande da língua, seja nas modalidades formais ou mesmo informais, enfatiza-se no trabalho, o uso coloquial com suas variações (sociais, históricas, regionais, entre outras). Com a popularização da tecnologia, emergiram novos gêneros textuais/eletrônicos que têm impactado a forma de utilização da linguagem e da língua, bem como a interação da vida em sociedade. Um exemplo recente desse fenômeno é a democratização do uso dos *Smartphones* e o surgimento do *WhatsApp*, como uma das principais ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona no Brasil, que permite troca de mensagens de texto e une múltiplas semioses (vídeos, *emojis*, áudios e imagens). Por meio da internet e dos novos gêneros digitais, as pessoas estão se comunicando mais e escrevendo mais, já que suas necessidades comunicacionais também sofreram transformações, tendo como característica, a velocidade para processar, receber e enviar informações. A etiqueta para uso de textos virtuais acaba sendo abandonada por usuários mais jovens, que criam palavras, modificam a grafia, usam dialetos e inúmeras variantes. Assim com base em Marcuschi (2010), vamos demonstrar e analisar algumas dessas variantes utilizadas por estudantes, a partir dos *prints* de conversas de assuntos estabelecidos previamente pelo professor. Em seguida, será trabalhado os conceitos de acentuação solicitando que os alunos façam a retextualização, após a explicação do professor.

Palavras-chave:

Acentuação. Ortografia. Retextualização. *WhatsApp*.

ABSTRACT

This article aims to analyze the registry variants found in interactions in the *WhatsApp* messaging app, in a 9th grade class at a public school in Campo Grande-MS. As there is a wide variety of language whether formal or even informal, it emphasizes work, colloquial use with its variations (social, historical, regional, among others). With the popularization of technology, new textual / electronic genres have emerged that have impacted how to use of language and language, as well as the interaction of life in society. A recent example of this phenomenon is the democratization of the use

of smartphones and the emergence of *WhatsApp*, as one of the main tools for synchronous and asynchronous communication in Brazil. It allows the exchange of text messages and joins multiple semioses (videos, emojis, audios and images). Through the internet and new digital genres, people are communicating more and writing more, as their communicational needs also suffered transformations, having as a characteristic the speed to process, receive and send information. The tag for using virtual texts ends up being abandoned by younger users that create words, modify the spelling, use dialects and numerous variants. Thus, based on Marcuschi (2010), we will demonstrate and analyze some of these variants used by students, from the subject conversation prints previously established by the teacher. Then, the accentuation concepts will be worked requesting that the students do retextualization, after the teacher's explanation.

Keywords:

Accentuation. Orthography. Retextualization. WhatsApp.

1. Introdução

O ser humano vive em sociedade e, por esse motivo, a língua é dinâmica e ativa. As sociedades se transformam e se reinventam e consequentemente as línguas, que refletem as mudanças ocorridas na sociedade. O foco do presente trabalho é o “internetês”, originado pelo surgimento da tecnologiada rede mundial de computadores e de relevância significativa na comunicação no espaço virtual. Levando em consideração que os adolescentes são nativos digitais, consumidores de tecnologia na modernidade e utilizam os aplicativos para se comunicarem de forma rápida e eficaz, o objetivo deste artigo é analisar as variantes de registro encontradas nas interações no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, principalmente no que se refere à ortografia. A partir dos *prints* de conversas de assuntos estabelecidos previamente pelo professor, será solicitado que os alunos façam a retextualização, após a explicação do mesmo, corrigindo a acentuação.

O tema discutido nesse artigo é relevante, uma vez que o *WhatsApp* é um dos aplicativos mais populares no Brasil e em vários países, o que possibilita ensino por meio de uma abordagem contextualizada à realidade do estudante, que tem contato com a aplicativo dentro e fora da escola. Além disso, o processo de escrita nesse aplicativo gera novas possibilidades de ensino e de aprendizado.

Para discutir o “internetês” e sua influência na escrita, principalmente na ortografia, discutiremos a língua como manifestação exclusiva do ser humano e suas modalidades.

2. Língua e modalidades

A fala e a escrita são as duas modalidades da língua. Embora os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) contemplem, de forma muito explícita, o trabalho dessas duas modalidades, em sala de aula, a escrita ainda é colocada em destaque, pois afinal, fazer o uso adequado dela é sinônimo de um bom domínio da Língua Portuguesa. Levando em consideração que o aluno, em geral, tem a concepção errada de que texto é representado apenas pela linguagem verbal, somado ao fato de que ele já sabe falar e, por isso, equivocadamente não precisaria aprender os gêneros orais, a prática das duas representações de forma igualitária torna-se essencial. Não se trata de ensinar a falar, mas de saber usar as formas orais em situações do dia a dia (MARCUSCHI, 2008, p. 55).

A produção de gêneros textuais diversificados, tanto orais como escritos, evidencia que o aluno é participante da sociedade e que existem diferentes formas de interação. Esclarecer que não existe uma modalidade considerada melhor, assim como, desmistificar a inferioridade da fala, pode ser realizado a partir do entendimento da função sociointerativa da produção linguística. Ou seja, mostrando que ele é um ser social e que se comunica de determinada forma, em determinado contexto, utilizando algum tipo de gênero que circula na sociedade, visando um objetivo: a comunicação.

Postular algum tipo de supremacia ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se considerar o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que esta relação não é homogênea nem constante. (MARCUSCHI, 2010, p. 35)

Embora ainda exista o preconceito de que a escrita é superior à fala, é importante destacar que são modalidades diferentes, que cumprem papéis distintos em diversos momentos. Com base nisso, apresentaremos em seguida pontos a se considerar sobre a escrita.

2.1. Língua escrita

Segundo Rojo (2006), a escrita surgiu em meados de 3.000 antes de Cristo, tendo cerca de 5.000 anos, no entanto a chegada ao ocidente foi mais tardia, datando cerca de 2.500 anos. Sua história perpassa a Mesopotâmia, com os primeiros indícios da escrita cuneiforme, passando pelos pictogramas e pinturas rupestres, evoluindo para os hieróglifos no

Egito. Ela nasce com a função de representação de objetos, torna-se mais abstrata nos ideogramas, servindo para representar pensamentos e ideias, modificando-se posteriormente a representar os sons.

O conhecimento dessa modalidade, historicamente, esteve ligado ao progresso e as classes dominantes, melhor dizendo, a minoria, sendo relacionada também ao bem-estar econômico e ao poder social. Até hoje, essa ideia persiste. A variedade padrão escrita do português é a mais prestigiada das variedades e estudada pela gramática normativa e descritiva. Esse padrão é encontrado em textos técnicos e jornalísticos, tentando manter uma forma uniforme de manifestação. A língua não é homogênea, conseqüentemente, a modalidade escrita também não. Oportunizar que todos tenham acesso à norma culta padrão é dever da escola, não com frases soltas e descontextualizadas, mas de tal forma que o aluno consiga construir os conhecimentos das variadas possibilidades de usos da língua, principalmente, daquela que é a mais exigida pela sociedade.

Marcuschi (2010, p. 20) afirma que mesmo pessoas ditas “iletradadas”, ou seja, analfabetas, não deixam de estar sob a influência de estratégias da escrita em seu desempenho linguístico. A escrita atravessa quase todas as práticas sociais básicas do cotidiano junto com a oralidade, ainda mais na modernidade com o advento da tecnologia. Por meio do *cyberespaço* e o crescente aparecimento de gêneros virtuais, a escrita tem se tornado acessível para quem, antigamente, achava tal modalidade fonte de preconceito e discriminação. Para entender os processos de escritas, no próximo item, vamos descrever a ortografia.

3. Ortografia da língua portuguesa

A ortografia na língua portuguesa tem passado por momentos conturbados. Alguns tempos atrás ela foi tratada de forma obcecada na escola, com exercícios repetitivos objetivando a memorização, no entanto, uma nova metodologia a tem colocado às sombras.

Além da língua ser usada para estabelecer a comunicação, uma das suas principais funções é a perpetuação do poder, fazendo assim, o estudo de suas regras algo primordial no ensino.

Não é à toa que atualmente não é raro verificar-se lacunas na aprendizagem que ultrapassam as paredes escolares, chegando até as universidades, mostrando assim que é de interesse de quem detém o poder, o desconhecimento dos preceitos da língua. É direito do aluno o conheci-

mento da norma padrão convencionada, por meio dos diversos gêneros existentes na sociedade contemporânea. Assim como é ocupação da escola mostrar os variados contextos da linguagem, é também sua obrigação fazer com que esse aluno possa optar pela variedade culta aceita na sociedade. Faz-se necessário fornecer uma base, para que o alunado se torne proficiente em sua própria língua.

3.1. O que é e como se estabelece a ortografia

A ortografia se caracteriza por estabelecer padrões para a forma escrita das palavras³³³, sendo fruto de convenções estabelecidas pelos países que possuem essa língua como oficial. Diferentemente de outros países, o Brasil demorou para possuir uma ortografia, instituindo a sua somente no começo do século XX.

A historicidade da LP revela que a primeira proposta ocorreu em 1911 e foi substituída no final desse século. A proposta que está em vigor atualmente trouxe mudanças sutis, principalmente ligadas a acentuação e ao uso do hífen, e para que essas regras se estabeleçam totalmente e sejam usadas de forma eficaz, um bom trabalho quanto a escolarização é a chave.

Para Coutinho (1976) a ortografia do português passou por três fases, sendo a primeira o momento fonético, em que as palavras eram grafadas amparadas na pronúncia. Em seguida, veio o período pseudoe-timológico, havendo uma proximidade postiça com o latim e o grego, em que os escritores da época duplicavam consoantes e criavam símbolos extravagantes. A última fase é nomeada de simplificada, pois com o estudo linguístico posto por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, estabeleceu-se dois sistemas: o português e o luso brasileiro.

Pode-se verificar, com isso, que a língua já passou por muitos processos para chegar ao patamar atual. Indo contrário ao pensamento de Geraldi (2015, p. 27) de “que a norma definida pelos modos de falar de uma minoria se imponha como razões para silenciar uma maioria”, proporcionar o ensino das regras por meio de gêneros que os alunos reconhecem em seu dia a dia, é sinônimo de inclusão e de equiparação de uma população. Assim, a ortografia segue a fonologia da língua, servindo

³³³ <https://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono16.php> acesso em 9 de novembro de 2019.

de modelo para escrita em todas as regiões do país, independente da variante dialetal, por outro lado, a escrita virtual, se assemelha em muito ao estudante nas séries iniciais, que usa um modelo fonética na escrita, ou seja, na maioria das vezes ele escreve como se fala.

Por essa razão, abordaremos no próximo tópico as influências e transformações causadas no uso da língua nos gêneros digitais, que são os gêneros mais utilizados pelos adolescentes, e inclusive, pelo mercado de trabalho.

4. Língua em suportes virtuais

Os gêneros digitais têm provocado impactos incomensuráveis, principalmente em relação ao uso da linguagem e na vida social. Diante disso, a *internet* tem transformado os comportamentos comunicativos deixando estremecidas até mesmo a dependência que se tinha com o som e o papel. A tecnologia conseguiu unir em um só lugar múltiplas semioses, agrupando qualidades como rapidez, minimização da rigidez na linguagem e a popularização dessas práticas sociais. Não que todos os gêneros que estão em voga sejam necessariamente novos, no entanto, o que se tem, em grande parte, é uma nova roupagem ou evolução do que já existia, exemplo disso, são os gêneros carta e e-mail.

A língua permite a interação humana e, por isso, está em constante transformação. Como consequência, ela é passível de variação. Os suportes virtuais (*softwares*) revelaram a criação do hipertexto e de um vocabulário próprio usado por seus interlocutores diante dessa situação de uso. Com a democratização da tecnologia, houve a difusão dessa linguagem e características se tornaram visíveis, tais como orações mais curtas, a presença de *emojis*³³⁴ para a expressão de sentimentos, mensagens de voz, a ausência de pontuação e acentuação, acréscimo de vogais, omissão de letras, uso de abreviações e o aumento de letras tornaram-se marca registrada dessa variação. Ademais, é necessário destacar que essa comunicação pode acontecer de maneira síncrona ou/e assíncrona.

Por hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade. A compreensão dessa nova ordem, bem como a nossa sobrevivência nela, passa necessari-

³³⁴ Ideogramas utilizados em mensagens eletrônicas.

amente pela aprendizagem da leitura e da escrita do/no hipertexto que tende a mediar as relações dos sujeitos na *sociedade de informação*. Esta mais recente tecnologia de linguagem encarna perfeitamente as metáforas McLuhianas do mundo como uma aldeia global e dos meios de comunicação como extensão de homem. (MARCUSCHI, 2010, p. 208)

A linguagem usada nos gêneros textuais digitais, nomeada de “internetês”, é muito difundida nas redes sociais e causa, em alguns professores, o sentimento de repulsa, por se tratar de um tipo de “contaminação da língua padrão”. Para outros, que também já utilizam desses novos modelos de comunicação no dia a dia, trata-se de uma nova abordagem para promover atividades sobre o “internetês”. Gostando ou não, os professores terão que criar iniciativas diferenciadas para abordar a linguagem usada nesses *softwares*, já que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018, p. 67) coloca como competência mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentido (nos processos de compreensão e produção). Tal modelo usa uma ortografia muito própria baseada no fonética da língua.

4.1. Língua no WhatsApp

O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo multiplataforma de mensagem instantânea e chamadas de áudio e vídeo para *smartphones* (JONUSAN, 2017, p. 65). Criado em 2009 por Jan Koum e Brian Acton, sendo desenvolvido para ser uma maneira simples, segura e confiável de comunicação³³⁵, teve no começo sua comercialização apenas para iPhone, porém, o grande êxito fê-lo expandir para aparelhos com o sistema operacional Android. A partir de então, o sucesso foi imensurável.

Como já foi dito aqui nesse artigo, a internet quebrou as barreiras geográficas e culturais, e acabou criando, também uma linguagem universal, um código que, muitas vezes, só os internautas conseguem decifrar (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 103). Marcada pela rapidez e informalidade, o “internetês” ou *netspeaks*, termo cunhado por Crystal, tornou-se linguagem utilizada nos gêneros digitais do ciberespaço, inclusive no *WhatsApp*.

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos foné-

³³⁵ Base de dados extraída do site <https://developers.facebook.com/docs/whatsapp/overview>.

ticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual. (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 103)

As principais características dos novos gêneros, que tem como meio a *internet*, são a rapidez e a espontaneidade, não permitindo assim que seu usuário faça um planejamento do que será escrito, fazendo então que ele utilize de imagens, *emojis*, áudio e outros recursos, para facilitar a comunicação e não o fazendo perder tempo. A criação dessa linguagem, que se diferencia muito da linguagem formal da língua, muitas vezes assusta quem ainda não tem familiaridade com o ciberespaço. Por isso, voltamo-nos aos conceitos de variações linguística para o ensino de LP, que será abordado no próximo item, visto a necessidade e complexidade do tema.

4.2. Aspectos Metodológicos

A Escola escolhida para essa experiência pedagógica é referência em ensino no Estado, sendo uma das quatro escolas municipais que tiveram nota acima de 6,0 no IDEB 2017, permanecendo com sua nota nos anos finais em 6,55.³³⁶

Os alunos participantes dessa pesquisa são da turma de 9º ano A, do período matutino. Essa turma, que possui 30 alunos, mostra-se apático diante dos desafios que envolvem a aprendizagem e apresenta *déficit* nas competências de leitura e escrita, verificada em avaliações internas da escola. A partir desse dado, buscou-se produzir uma Sequência de atividades, respaldadas nos estudos feitos na Linguística Textual feita por Marcushi (2010), contextualizada a realidade do aluno tanto dentro quanto fora da escola.

Inicialmente, foi solicitado que os alunos montassem um grupo no aplicativo *WhatsApp* com todos os alunos da sala e adicionassem a professora. Partindo do pressuposto de que o aluno já fala (domina a língua) quando entra na escola (MARCUSHI, 2008, p. 53) e valorizando esse conhecimento prévio que ele carrega, em seguida, a professora solicitou

³³⁶ <https://www.qedu.org.br/cidade/547-campo-grande/ideb/ideb-por-escolas?Dependence=3 &grade=2&edition=2017>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que os alunos respondessem uma pergunta utilizando a linguagem que geralmente eles já utilizam quando falam pelo aplicativo.

O núcleo do trabalho será com a língua no contexto da compreensão, produção e análise textual. Nessa perspectiva, o trabalho em língua materna parte do enunciado e suas condições de produção para entender e bem produzir. Sem esquecer a língua, essa mudança do foco iria do significante à significação. Do enunciado à enunciação. Da palavra ao texto e deste para toda a análise e produção de gêneros textuais. (MARCUSHI, 2008, p. 55)

Para enaltecer os dados autênticos, empíricos e extraídos do desempenho real (MARCUSHI, 2008, p. 76), a partir dos *prints* de algumas respostas selecionadas e de suas respectivas leituras, a professora iniciou alguns questionamentos sobre o uso da linguagem dentro desse gênero digital e sobre quais são as outras variações que eles utilizam ou conhecem, com a finalidade de que os estudantes refletissem sobre os usos da língua. Baseado nas respostas dadas, a professora montou no quadro um resumo dos tipos de variações linguísticas com o objetivo de que os alunos tenham em seu material uma base para estudos posteriores.

Depois, alicerçado nos conteúdos do Referencial Curricular de Língua Portuguesa – RCLP do município de Campo Grande (2008, p. 107) referente ao quarto bimestre, a professora introduzirá as questões gramaticais ligadas a acentuação, apoiando-se nos textos produzidos no aplicativo *WhatsApp* e partindo também de questionamentos que os levem a reflexão. Após a compreensão das regras, por fim, a professora solicitou a retextualização do texto produzido no *WhatsApp*, passando-o para a linguagem padrão da língua, dentro de um contexto formal, e assim, utilizando os conceitos estudados acentuação.

Há nestas atividades de retextualização um aspecto geralmente ignorado de uma importância imensa. Pois para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente *compreender* o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada *compreensão*. (MARCUSHI, 2010, p. 47)

A retextualização não é muito valorizada pelos professores, mas é uma ferramenta de inúmeras implicações na sala de aula; para ensinar os alunos conceitos da gramática normativa e clareza textual, proporcionando a adequação comunicativa para diversas situações.

O objetivo do estudo da língua materna, na escola, é proporcionar ao aluno conhecimentos linguísticos que o capacite para comunicar-se nas diversas situações comunicativas dentro da sociedade, por meio da orali-

dade, da escrita, da prática da leitura, da análise e reflexão sobre a língua em seu processo de interação. (...) No eixo da prática de produção de textos, levar os alunos a reescrever, tanto as suas como qualquer outra produção de texto quantas vezes forem necessárias para aperfeiçoar sua capacidade de organização de ideia. (...) No eixo prática de análise e reflexão sobre a língua, levar o aluno a refletir sobre a sociedade da qual faz parte, utilizando-se dos mecanismos de Língua Portuguesa em suas análises e reflexões linguísticas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE, 2008, p. 87)

Conforme o RCLP (2008), o ensino da língua materna deve ajudar o aluno interagir em diversos contextos, organizando ideias e pensar a sociedade a partir de mecanismos linguísticos.

5. Relato da experiência

A proposta pedagógica para LP a ser descrita nesta reflexão foi planejada para ser executada na turma do 9ºA, matutino, que possui trinta alunos frequentes. A primeira ideia era utilizar 8 aulas de 60 minutos, porém, por causa de pontos facultativos e eventos da escola, ano letivo de 2019, ocorreram apenas 5 aulas de LP, sendo elas o primeiro tempo de três aulas semanais. O primeiro impasse encontrado foi com a coordenação da escola, por medo de que as conversas que poderiam surgir fora do contexto escolar, pudessem prejudicar as questões administrativas, pessoais e pedagógicas. A primeira autora do artigo, Ana Maria Salvador, esclareceu para a coordenação que as regras de participação seriam elucidadas. Nenhum caso ocorreu e houve a aplicação de modo planejado.

Apesar de todos os alunos possuírem aparelhos celulares, alguns não podiam trazê-lo para a escola, por ordem dos responsáveis, ou por estarem de “castigo” ou por terem quebrado. Por esse motivo, ela teve que permitir que os alunos respondessem fora do horário da aula, o que não estava em seu planejamento, pois tinha previsto que todos responderiam em sala, em um tempo médio de 20 a 30 minutos. Percebeu o entusiasmo dos estudantes por poderem usar o celular em sala, já que geralmente seu uso é proibido. Outro empecilho, foi que apesar de a escola proporcionar internet para os alunos, o que é raro em uma Escola Municipal, a qualidade da internet não era boa, impedindo assim que todos os alunos conseguissem participar. Somente os alunos que possuíam internet paga, conseguiram participar no momento solicitado. Ficou com receio quanto ao uso que eles fariam da linguagem, afinal é uma aula de Língua Portuguesa, e eles optariam pela linguagem formal. Por isso a todo momento a professora lembrava que, para que a aula funcionasse,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

eles teriam que usar o *WhatsApp* como se estivessem falando com qualquer outra pessoa, em outro contexto. Ao fazer o exercício dentro do aplicativo, tentou ao máximo fazer uso dos “internetês”, para incentivá-los ao uso, porém, como o imaginado, alguns não fizeram como o exercício pedia.

Na aula seguinte, trouxe os *prints* das respostas, leu algumas e fez alguns questionamentos direcionando os alunos a refletirem o porquê de as linguagens usadas em ambientes virtuais serem diferentes da linguagem padrão, levando-os a refletirem sobre os contextos de uso.

Como o esperado, surgiram questões envolvendo o preconceito linguístico, já que grande parte dos alunos ainda possui enraizado a questão de que a norma culta padrão deve ser usada em todos os ambientes e o que extrapola isso é considerado “erro”.

O que surpreendeu nesse debate é que grande parte da turma quis participar trazendo exemplos de situações das suas vivências. A partir disso, trazer à tona de que existem as variedades linguísticas e que nós, falantes, temos que aprender a nos adequar aos contextos de uso, ficou mais fácil.

Depois, pediu para que voltassem aos *prints* e analisassem situações linguísticas que eram diferentes das ocorrências na linguagem formal. As principais respostas foram o excesso de abreviações, a falta de pontuação e acentuação. Como partiu deles esse resultado, teve facilidades em introduzir a explicação das regras do uso adequadas da acentuação. Recebeu algumas reclamações dos discentes, pois em suas concepções a aula estava legal por ser diferente, porém ela estava voltando para a “parte chata” – as regras.

Após as devidas explicações, foram passados alguns exercícios de fixação, e posteriormente, já foram feitas as correções coletivas. Para finalizar, a professora solicitou que os alunos entrassem novamente no grupo e encontrassem suas repostas para fazerem a retextualização, passando-as para um contexto formal, focando principalmente para o uso das regras da acentuação. Como nas aulas anteriores já teve o problema com a falta de qualidade do acesso à internet, a docente pediu para os alunos “printarem” as telas para que assim não fosse necessário usá-la. Infelizmente, nenhum aluno “printou” a tela e alguns ainda esqueceram os celulares, o que dificultou o trabalho. Novamente, somente os alunos que tinham acesso à internet paga conseguiram concluir com sucesso a atividade. Para tentar remediar a situação, a professora usou seu celular para

abrir o grupo e permitir que os alunos encontrassem as suas respostas e fotografassem, assim o uso da rede seria desnecessário. No entanto, o trabalho continuou precário por causa da quantidade de alunos que não haviam participado do grupo e que estavam sem celular no momento da aula, sem contar que muitos alunos haviam faltado nessa aula por ser véspera de feriado (semana do saco cheio).

5.1. Estudo de caso na Escola Municipal

Por meio das aulas de LP e do uso contextualizado da linguagem nas redes sociais, de modo específico, no *whastApp*, foi possível verificar que o uso do ambiente virtual faz parte da realidade do aluno e, por isso, eles não tiveram dificuldades em como manusear o aplicativo. O grupo foi montado com a seguinte proposta:

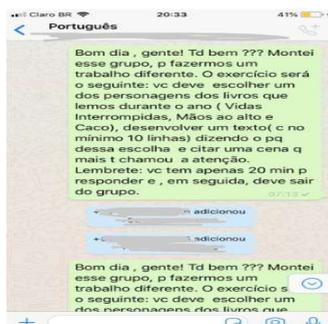


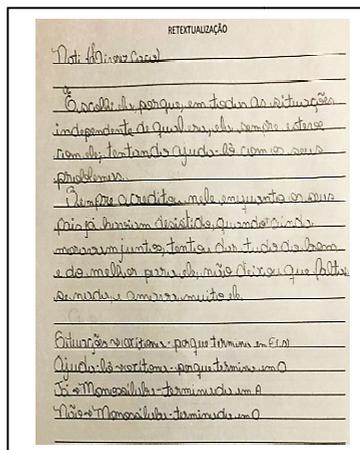
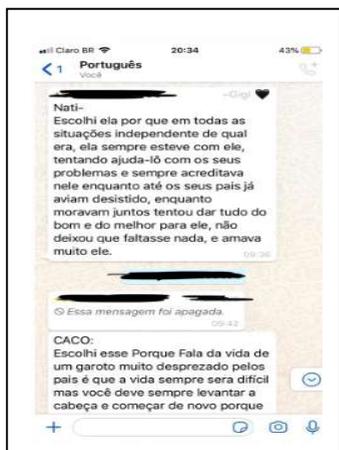
Foto 1: Imagem retirada do grupo mencionado anteriormente no ato da interação comunicativa em língua portuguesa. Os números telefônicos foram marcados para manter o sigilo com os alunos envolvidos nas atividades pedagógicas de LP.

As respostas foram diversificadas, porém em sua maioria foi difícil perceber o uso do corretor, fazendo com que o aluno mantivesse a adequação – pelo menos, na acentuação – na linguagem formal. No entanto, mesmo com a intervenção dessa facilidade, ainda é perceptível no caso do aluno 1, uma incorreção tanto no aplicativo quanto na retextualização, em ajudá-lo. A professora ao perceber tal uso e verificando que o trabalho sairia prejudicado, solicitou que os alunos justificassem o uso das acentuações em todas as palavras acentuadas em seus textos. Além disso,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a aluno teve dificuldades em utilizar a linguagem informal no grupo, o que simplificou o exercício para ele.

Aluno 1.

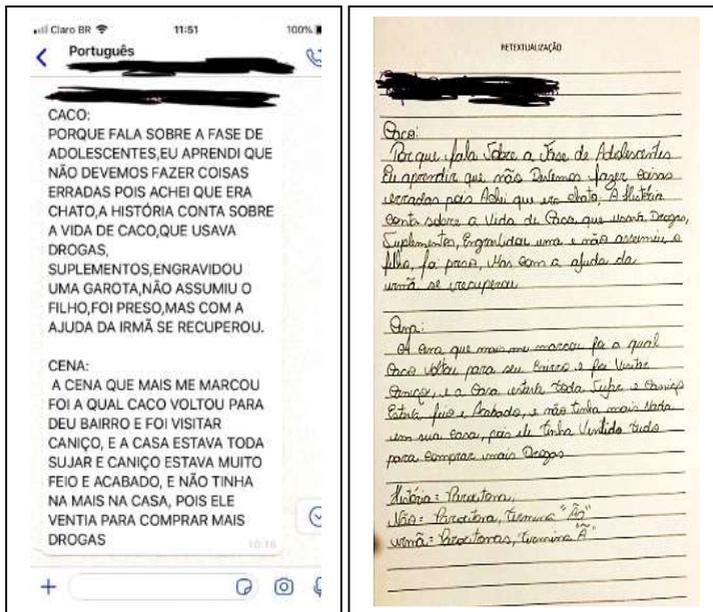


Novamente pode-se notar no aluno 2, a dificuldade no uso da informalidade, provavelmente por se tratar de uma utilização solicitada pela escola. Esse fato comprova a fala de Antunes (2007, p.55) de que “a interação verbal requer ainda (...) o conhecimento das normas sociais de uso da língua”. Melhor dizendo, o estudante ainda demonstra ter internalizado que o certo é a utilização da norma padrão em todos os tipos de interação, principalmente aqueles realizados dentro do âmbito escolar. Marcuschi (2008, p.51) propõe que “o ensino de língua deva dar-se através dos textos”, com base nele é possível verificar a dificuldade na justificativa da acentuação, mostrando que ainda seria preciso um trabalho em elucidar as possíveis dúvidas, por meio de nova explicação e exercícios de fixação.

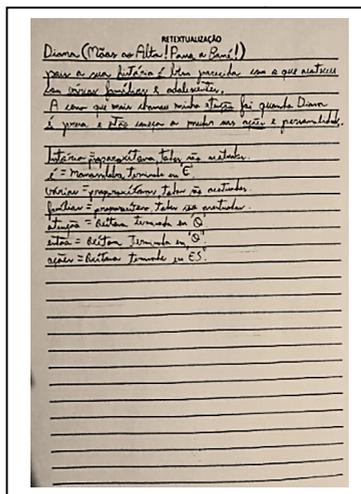
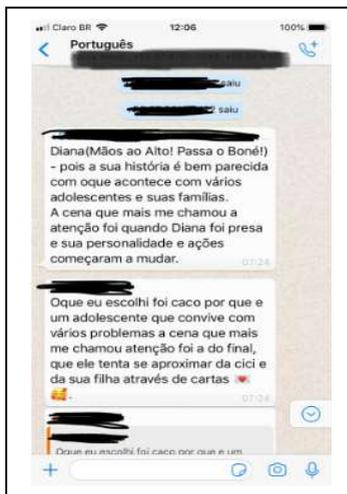
O uso do aplicativo nos deu a oportunidade de trabalhar as variedades utilizadas nos gêneros digitais atuais, a retextualização proposta por Marcuschi (2010) comprovou que também é necessário o ensino da gramática, uma vez que “não existe língua sem gramática” (ANTUNES *apud* MARCUSCHI, 2008). Logo, o exercício comprova que o uso contextualizado da língua, usando recurso tecnológico, é um aliado e andar

de mãos dadas com as práticas já existentes em sala de aula: o ensino prescritivo.

Aluno 2.



O aluno 3 comprova novamente a falha na tentativa de fazer com que o aluno consiga escrever com uma variação diferente da formal dentro da escola. Essa incoerência comprova a falta da utilização da tecnologia e, conseqüentemente, dos gêneros virtuais em sala de aula. Mais uma vez verifica-se o uso do corretor no momento da escrita no aplicativo e a dificuldade na classificação de algumas palavras.



As aulas de LP, como valida a BNCC de LP (2017), cria diversificadas competências para a formação concreta do cidadão. Com essa proposta, foi possível alcançar a capacidade de compreender o fenômeno da variação, da apropriação da linguagem escrita, da reflexão linguística e a capacidade do uso da linguagem em multisssemioses, com o uso da tecnologia, especialmente o uso do *WhatsApp*. Assim, pode-se desenvolver atividades ligadas às aulas de língua portuguesa, principalmente no que se refere à retextualização e ao uso correto da grafiapor parte dos alunos do 9º aluno de uma escola pública em Campo Grande.

A partir do uso do aplicativo pode-se observar que os alunos usam o corretor instalado no programa, sendo que a maioria deles demonstrou não saber regras básicas para acentuação. A competência da escrita fora do aplicativo, mostra-se ainda bastante precária, principalmente, porque o aluno confia na correção automática.

6. Considerações finais

Este trabalho buscou analisar as variantes de registro encontradas nas interações no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, a partir do exercício de retextualização, apresentado por Marcuschi (2010), em uma turma

de 9º ano na Escola Municipal, em Campo Grande-MS. O uso da tecnologia, de utilização exigida pela BNCC (2018), que pode ser um aliado importante para o professor, mostrou-se um problema, já que a internet estava fora do ar no dia da aplicação da atividade. Assim, a professora de LP precisou compartilhar a sua internet móvel com os aparelhos celulares dos alunos para eles pudessem fazer os *prints* das telas, tornando o trabalho mais lento.

Por outro lado, o uso do celular em uma atividade pedagógica com os alunos foi motivo de empolgação por parte deles. Isso evidencia que a tecnologia ainda faz com que os alunos queiram inovar nas atividades propostas pelos professores, com o uso de *emojis*, abreviações, marcas de oralidade na escrita, a sincronia na troca de mensagens. Isso ratifica que “é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital” (ROJO, 2013, p. 7)

Todavia, ao desenvolver o exercício, a professora depara-se com um outro imprevisto: os alunos não usaram variedade informal da língua normalmente utilizado nesse aplicativo, mas optaram por uso mais formal da língua, com a justificativa que escrevem dessa forma. Nota-se que o argumento que apresentaram tem relação com os estudantes perceberem que era uma atividade avaliativa e que a professora iria corrigir os textos. Como o aplicativo apresenta um tipo de corretor ortográfico, a professora de LP pediu que a ortografia fosse justificada, o que permitiu que ela notasse as fragilidades dos alunos.

A utilização da acentuação no aplicativo acontecia pelo uso do corretor. Ao ser solicitada a retextualização, os alunos apresentaram inadequações, tais como a dificuldade na identificação da sílaba tônica e ausência de justificativa para o emprego da acentuação gráfica. Ou seja, sem a utilização da ferramenta do *WhatsApp* a maioria dos alunos acaba cometendo erros por desconhecimento das regras.

Retextualizar, como colocado no RCLP (2008), praticada quantas vezes forem necessárias, deve ser prática comum em sala de aula, já que fazemos uso disso corriqueiramente. Tal prática comprovou-se eficaz na proposta aplicada, já que se tornou o suporte principal para o trabalho de todos os eixos: variação e gramática.

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Preconceito linguístico*. 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola, 2015.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed., revista, Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira; WINCH, Paula Gaida; FAGAN, Daiane; ZEMOLIN, Ana Paula. Internetês: Ameça à ou evolução na língua portuguesa?. In. *Revista da ANPOLL*. São Paulo, 2009. <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/131> Acesso em 10 de outubro de 2019.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

JONUSAN, Geiser Wellington Barreto. *O WhatsApp e seus recursos no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa em Campo Grande-MS*. Campo Grande-MS: UEMS, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, Brasília, MEC, 2018.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED. Referencial Curricular Da Rede Municipal De Ensino. Campo Grande-MS, 2008.

QEDU. Campo Grande: Ideb 2017 por escolas <https://www.qedu.org.br/cidade/547-campo-grande/ideb/ideb-por-escolas?dependence=3&grade=2&edition=2017> Acesso em 10 de outubro de 2019.

ROJO, Roxane. *As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas-caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

_____. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. Adolfo Tanzi Neto *et al.*; organização Roxane Rojo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.